



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de entrega do Cartão Família Carioca

Rio de Janeiro-RJ, 07 de dezembro de 2010

Jornalista: Fala, companheiro.

Presidente: Vocês querem começar as perguntas? Pergunta logo.

Jornalista: Outras prefeituras poderiam seguir esse exemplo, aí, (incompreensível)?

Presidente: Olha, eu acredito que toda caminhada, como nós sabemos, começa com o primeiro passo. O fato de o prefeito do Rio de Janeiro tomar a atitude, em uma cidade importante como o Rio de Janeiro, de fazer um programa mais abrangente completando o Bolsa Família é um estímulo para que outras cidades façam a mesma coisa e que a gente possa melhorar substancialmente a vida das pessoas que ganham o Bolsa Família. Eu não poderia dizer para você quantas cidades, mas eu penso que, na medida em que vocês contribuam divulgando o que o Eduardo Paes fez aqui na cidade do Rio de Janeiro e que outras cidades fiquem sabendo, certamente muitas outras cidades, que podem ter até outros programas diferentes, queiram copiar o modelo do Cartão [Família] Carioca – afinal de contas, tudo o que é carioca parece que tem um charme – e a gente adotar uma espécie de “cartão Garanhuns”, “cartão Caetés” para o Brasil inteiro. Eu acho que foi um passo importante, e sou agradecido ao prefeito Eduardo Paes pela atitude dele, agradecido ao companheiro Sérgio Cabral, que anunciou que vai estender isso para as outras cidades, e eu acho que assim a gente vai caminhando e vai melhorando as vidas das pessoas mais pobres no Brasil.



Jornalista: Presidente, por favor. Sobre esse anúncio dos cortes no orçamento do ano que vem, o PAC sempre ficou de fora dos cortes. Agora, a gente lê hoje nos jornais que o PAC deve estar de fora. Preocupa, ainda mais nessa época de ocupação dessas comunidades, que essas obras de infraestrutura são fundamentais até para o estado se estabelecer de outras formas, além da polícia. Como é que vai ficar isso?

Jornalista: Presidente, (incompreensível).

Presidente: Vocês estão vendo a minha fisionomia? Vocês acham que eu estou com ar de que vai ser cortado algum centavo do PAC? Vocês acham que o meu semblante está dizendo que vai ser cortado? Hoje, o Guido teve que falar com dois presidentes ao mesmo tempo. Eu liguei para ele quando ele estava conversando com a Dilma. Veja, há uma contradição, inclusive, na matéria – não sei se não foi entendido ou não – porque quando o companheiro Guido Mantega diz ao jornalista que se tiver que cortar, ele vai cortar no custeio para aumentar investimento em infraestrutura, há uma contradição em dizer que vai cortar obra do PAC. Veja, eu conheço a Dilma... Foi aqui, na Rocinha, que ela foi batizada com o nome de “mãe do PAC”, eu sei do carinho que a Dilma tem pelas coisas do PAC, eu sei do carinho com que ela vai tratar o PAC. Eu não acredito que a gente tenha necessidade de cortar um único centavo do PAC. O que nós temos que ter em conta é o seguinte: nós temos que manter a inflação controlada, nós temos que manter a estabilidade econômica, e nós precisamos manter dinheiro para investimento. Isso significa que se tiver que mexer em alguma coisa, vai se mexer em custeio e não em obra para investimento. Portanto - eu não vou estar mais no governo - portanto, o que eu estou falando aqui morre no dia 31 de dezembro, à meia-noite. Mas pelo que eu conheço do Guido Mantega, pelo que eu conheço da nova



presidente do Brasil, eu, sinceramente, tenho muitas, mas muitas dúvidas... Eu diria, eu tenho certeza absoluta de que não será cortada obra do PAC, tenho certeza. E não pode, não pode... Veja, obviamente que você pode ter manejo de obras. Se você tiver uma obra do PAC que tenha problema na Justiça, que tenha problema no Tribunal de Contas e que vai demorar seis meses, oito meses, um ano, você pode fazer o remanejamento dos recursos, como nós cansamos de fazer agora. Às vezes, uma obra aqui no estado do Rio de Janeiro que vai demorar um pouco mais, você passa o dinheiro para uma que está mais regularizada, e assim você vai ganhando tempo. Mas, para nós, o PAC é como o oxigênio que a gente respira, nós sabemos o quanto ele deu certo para o país e o quanto ele vai continuar dando. Graças ao PAC é que as obras não são paralisadas, graças ao PAC é que todos os ministros trabalharam muito mais. Então, eu estou muito tranquilo com relação a isso. Quando nós fizemos o PAC 2, nós fizemos o PAC 2 já para discutir, no orçamento de 2011, dinheiro para as obras do PAC, para não deixar que a gente começasse a discutir no orçamento de 2012. Portanto, eu estou tranquilo. Eu conheço bem o que pensa a companheira Presidente do Brasil com relação à priorização das obras do PAC.

Jornalista: O senhor deu uma bronca no (incompreensível)?

Presidente: Não. Eu não dou bronca em ninguém. Você sabe que eu aprendi a conviver com os companheiros... Eu não dou mais bronca em ninguém, eu converso, mostro, e ele me explicou o que ele falou no debate e, portanto... O Guido é um dos maiores incentivadores (falha no áudio) do investimento no setor produtivo no Brasil e do investimento em infraestrutura.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) caças, Presidente. O senhor vai decidir sobre os caças até o fim do mandato?



Presidente: Vamos ver, vamos ver. Veja, está sendo preparado o relatório para mim. Se o relatório chegar às minhas mãos e eu tiver tempo de consultar o Conselho de Defesa e consultar a companheira Dilma... Veja, porque eu também, até por uma questão de responsabilidade com o Brasil e com ela, eu não posso fazer uma dívida - para pagar nos próximos dez anos - para alguém que vai entrar, faltando 20 dias para deixar o governo. Então, é muito melhor discutir com ela. Se ela falar “Bom, Presidente, pode fazer”, eu farei. Mas se ela falar “Deixa para eu fazer”, eu certamente deixarei para ela fazer.

Jornalista: Sobre os *royalties*, Presidente, o senhor pretende vetar, até o fim do mandato?

Presidente: Puta... eu pensei que não ia sair essa pergunta. Eu tenho que... Veja, eu tenho dito para todo mundo o seguinte. Nós passamos alguns dias, horas brigando, com a presença do governador Sérgio Cabral, com a presença do nosso querido Pezão, com a presença do líder do governo, com a presença do Ministro de Minas e Energia, com a presença do governador Paulo Hartung, com a presença do líder do PMDB, com a presença dos relatores dentro do Congresso Nacional, e nós construímos uma proposta, construímos uma proposta que era a melhor, em que o Rio de Janeiro continuaria ganhando e cederia um pouco para que todo o restante do Brasil pudesse ganhar, uma coisa justa, uma coisa construída. Quando chegou ao Congresso Nacional, um relator, pensando eminentemente na questão eleitoral, resolveu aceitar a proposta do Ibsen Pinheiro e não botou sequer no relatório, que foi a razão do acordo feito na presença dele – do Sérgio Cabral –, na minha presença, na presença do Ministro de Minas e Energia e na presença da ministra Dilma, que então era chefe da Casa Civil. Então, eu pretendo, ao receber a proposta do Congresso, eu pretendo vetar e colocar a medida provisória que foi a razão do



acordo, para que eles votem no próximo ano no Congresso Nacional.

Eu acho que o pré-sal tem recurso suficiente para que a gente possa garantir que os estados produtores como Rio, São Paulo e Espírito Santo não tenham prejuízo e, ao mesmo tempo, garantir que os outros estados possam ganhar uma fatia muito grande. Além disso, é importante lembrar que a União ficará com grande parte desses recursos e que nós já definimos que parte desses recursos será para educação será para ciência e tecnologia, será para a questão ambiental e para a questão cultural. Portanto, eu acho que nós só temos que torcer para uma coisa: que a Petrobras tenha toda a sorte do mundo em tirar todo o pré-sal, e a gente ter governantes responsáveis que distribuam de forma justa o resultado da riqueza do pré-sal. Se isso for feito, todos nós estaremos bem, e todos nós iremos viver muito melhor. É isso. Companheiros...

Jornalista: O senhor vai ao Alemão?

Presidente: Não, antes de terminar o meu mandato eu vou vir aqui, eu quero ir a Manguinhos e quero ir ao Complexo do Alemão, no mínimo.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, é porque eu gosto de ver cada coisa lá, cada prédio daquele que inaugura, cada tijolo que coloca no...

_____ : No Alemão.

Presidente: ... no teleférico. Eu acho que é uma coisa que vai dar certo, é uma coisa... Então, eu quero vir. Tem obra para inaugurar, tem casa para entregar...



_____ : (incompreensível)

Presidente: E eu gostaria de entrar, eu gostaria de andar no teleférico um pouquinho, se estiver pronto, se o Pezão fizer o teste e me der garantia que...

_____ : Pezão, o teleférico vai estar pronto?

Pezão: Vai.

Presidente: Aí, ó, então...

_____ : Vai estar pronto.

Pezão: Vai estar.

_____ : Dia 21?

Pezão: Não as cinco estações, mas três...

Presidente: Não, só em uma, só em uma. Para mim...

Pezão: E eu recebi...

_____ : Ele só quer dar um passeio... uma....

Pezão: E recebi uma notícia, agora, extraordinária: que o Banco do Brasil acabou de escolher uma das estações do teleférico...

Presidente: Aí, ó.



Pesão: ... e botou uma agência lá no...

Presidente: Isso é que é parceria.

Pezão: ... na estação do teleférico.

Presidente: Gente, um abraço...

Jornalista: Presidente, o senhor disse que o Exército ficaria por tempo indeterminado no Alemão. O senhor não acha que esse sentimento... essa decisão política, o próximo governo também compartilha desse (incompreensível)?

Presidente: Olha, eu estou convencido de que todo mundo no Brasil está olhando o bem que foi a parceria entre as Forças Armadas brasileiras e a polícia do Rio de Janeiro, atendendo a um pedido do governador do Rio de Janeiro. Ora, aquilo que está dando certo... veja, o que nós não queremos é que o Exército venha a fazer o papel da polícia. Nós não queremos, porque não é o papel do Exército.

_____ : (incompreensível) trabalhar juntos.

Presidente: O que nós queremos é que o Exército dê garantia para que a polícia do Rio de Janeiro faça o trabalho que tem que ser feito. Eu acho que está todo mundo satisfeito. Eu acho que o povo do Rio Janeiro, as Forças Armadas, a polícia... Aliás, Sérgio, eu queria te dizer que eu nunca vi na televisão tanto policial dar declaração, e a gente perceber que o que está falando é a autoestima dele, ou seja, é uma das poucas vezes em que ele está



orgulhoso de estar exercendo o papel de policial sem vergonha, sem medo de ser chamado de corrupto, sem medo de ser chamado de violento. Ele percebe que ele está sendo útil para aquela comunidade. Então, eu acho que nós vamos continuar, por muito tempo, trabalhando juntos.

Gente, bom final de semana para vocês, bom...

_____ : Hoje é terça, Presidente. Boa quarta-feira!

(\$31EGJLP)